DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM NA SOCIEDADE MIDIÁTICA.

Maria Carolina Branco Costa
FCLAr - UNESP, Araraquara/SP GEPIFE PET Pedagogia MEC SESu
e-mail: ma.carolinabc@gmail.com

Márcia Cristina Argenti Perez
FCLAr - UNESP, Araraquara/SP GEPIFE PET Pedagogia MEC SESu
e-mail: marciacap@fclar.unesp.br

Comunicação Oral

Pesquisa em andamento

Inseridos em uma sociedade considerada pós-moderna, as novas gerações de alunos e professores encontram avanços e desafios, no que tange a perspectiva tecnológica, que pode, em primeiro momento, auxiliar nos processos pedagógicos, bem como suscitar, em igual medida, problemáticas no desdobramento da relação de ensino- aprendizagem.

O objetivo do estudo é entender, sob uma abordagem crítica, os impactos ofertados pela inserção midiática massiva, sobretudo no que concerne a aparatos virtuais, na elaboração de estratégias de aprendizagem. Na tentativa de galgar tal propósito, optou-se pela abordagem qualitativa em confluência à pesquisa teórica, almejando-se confrontar fundamentos teóricos, buscando dialetizar tais proposições e obter diferentes análises sob o mesmo fenômeno, observando proximidades e divergências. A metodologia utilizada é a revisão teórica e sistematizada de diferentes visões do campo da psicologia, em especial, abordando considerações da Psicologia Histórico-Cultural e Psicanálise.

Pode-se perceber que o neoliberalismo, somado à atual conjectura social da vasta expansão da indústria cultural, colabora para a diluição da criticidade do sujeito, à medida que este torna-se "um sujeito disponível para todas as conexões, um sujeito incerto, indefinidamente aberto aos fluxos de mercado e comunicacionais, em carência permanente de mercadorias para consumir" (DUFOUR, 2005)

Um contraponto entre as Teorias Histórico-cultural e psicanalíticas pode ser estabelecido quando afirma-se que, a função basilar e substancial da escola é a de mediar a aprendizagem e transmitir o conhecimento historicamente acumulado, o que, no Brasil, nos meandros da historicidade e de acordo com os movimentos teóricos influenciados por condições sócio-políticas, assumidos na década de 1960, tem sido esvaziados, de forma que, o professor desloca o ato de ensinar às mídias, sendo o aluno o protagonista de seu desenvolvimento, autônomo e coautor de sua aprendizagem. Contudo, a psicologia histórico-cultural diz que isso não é possível, uma vez que a criança não tem em si a capacidade psíquica de direcionar seu conhecimento, entendendo-se que, é preciso haver um mediador entre o conhecimento historicamente acumulado na cultura e o educando.
No que tange a aprendizagem, sob a perspectiva da Teoria Histórico-Cultural, as funções psicológicas colaboram para a formação de imagens mentais, isto é, algo que reflete outro algo, apontando na direção da relação *sujeito/objeto*.

A filosofia marxiana diz que a realidade é uma miríade de fenômenos resultantes da matéria em movimento e de processos que se transformam. Nesta perspectiva, a realidade objetiva é a história de suas mudanças, sendo produzido majoritariamente na e pela reação ativa do homem. Há a possibilidade de, na relação ativa entre *sujeito/objeto*, construirmos o conhecimento objetivo sobre a realidade de, isto é, torna-la inteligível. (Martins, 2011).

A atividade cognoscitiva demanda o registro e armazenamento das objetivações históricas e ao mesmo tempo a comunicação entre os homens, pelas quais se realizem as apropriações de tais objetivações. Portanto, a atividade cognoscitiva edifica-se em condições histórico-sociais de transmissão, isto é, de ensino. (MARTINS, 2011). Em síntese, pode-se dizer que, apenas com a mediação a realidade será captada em sua essência.

Compartilhando estes pressupostos, Dufour pontua que a transmissão de uma narrativa é dada quando se propaga conteúdos, crenças, saberes, relações sociais e também, a aptidão humana para falar, característica tal que dá ao homem a condição de humanidade e o diferencia dos animais. Com efeito, “é preciso instituir o sujeito falante; se essa antropofeitura não ocorrer, a função simbólica muito simplesmente não é transmitida”. (DUFOUR, 2005).

Percebe-se uma problemática a medida que esta ação é veiculada majoritariamente às mídias virtuais, que, em exposição maciça pode trazer efeitos negativos à função simbólica, tornando difícil o legado do bem mais precioso, a saber: a cultura. Desta forma, o indivíduo ficará desamparado da mediação do outro, sendo fragilizado em seu processo de humanização, entendendo que “uma geração faz a educação da outra” (DUFOUR, 2005).

Hannah Arendt já havia anunciado, nos anos de 1960 a premissa da autonomia da criança e a substituição do aprender pelo fazer e este discurso sobrevém a contemporaneidade na manifestação de pedagogos pós-modernos que integram a chamada “revolução audiovisual” (DUFOUR, 2005), de modo que cada um pode “democraticamente” expor sua opinião. Esta disposição faz com que a escola e os saberes transmitidos sejam fragilizados, uma vez que, dada a expansão midiática e vasta disseminação da informação, aliadas a diluição da função da instituição escolar brasileira vista nos últimos tempos, vê-se que, aparentemente, todos sabem dialogar sobre os mais variados assuntos, entretanto, muitas vezes, de forma generalizada e superficial, sem que haja o esforço crítico para que sejam contempladas outras proposições menos limitadas.

Em suma, a sociedade imagética, fugaz e vertiginosa atual não permite momentos de reflexão, fruição e embate de ideias: as informações são dadas de forma pronta e compactada, para que o sujeito apenas consuma e queira mais e invade todos os espaços e momentos, inclusive os momentos de lazer, são abarcados pela indústria cultural. É preciso atentar-se para que a relação entre o indivíduo e o conhecimento não seja diluída e liquefeita a uma porção ínfima de saber, optando-se pela quantidade de informações em detrimento da qualidade destas e despreocupando-se com a internalização de conceitos sistematizados, em detrimento da experiência prática que vera na vivência empírica. Tal postura demonstra um certo verniz cultural que traz consigo a ideia de que vivemos em uma sociedade do saber e de grandes intelectuais, que na verdade espelham e propagam o conhecimento que está sendo produzido e disseminado em ambientes virtuais, não formais e que não necessariamente educativos, trazendo muitas vezes uma visão de certa porção social e não necessariamente a menos limitada e mais elaborada.

A respeito do desenvolvimento, vê-se que, sob a perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural, o ensino escolar deve proporcionar a apropriação dos conhecimentos científicos e a partir destes, serão desenvolvidos funções psíquicas, tais como a consciência e o pensamento teórico.

Considera-se, finalmente, que a escola, em contraponto a este fenômeno de *fast-food* informacional, deve despertar a visão crítica e não naturalizante ou passiva em vista dos fenômenos sociais, compreendendo sua real função e assumindo-se como instituição formativa.

O professor é o grande responsável pela transmissão do conhecimento científico e sistematizado e a escola deve ser vista como ambiente do saber por excelência, objetivando cumprir sua função social, já que, à medida que esta não a faz, está se abstendo de sua incumbência principal e possibilitando a interferência de outras instâncias, o que pode colaborar para o surgimento de adversidades das mais distintas, do ponto de vista comportamental, psíquico e da aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Mídia; infância; educação; aprendizagem; professor.

REFERÊNCIAS:

ARENDT, HANNAH. *A crise na educação.* In: Arendt, Hannah. Entre o passado e o futuro. São Paulo: Editora Perspectiva. 2000.

DUFOUR, D. *O homo zappiens na escola: a negação da diferença geracional.* In; DUFOUR, D. A arte de reduzir cabeças: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal. Editora Companhia de Freud, 2005.

FACCI, M. G. D. *A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigostski*. Cad. Cedes, Campinas, vol. 24, n. 62, p. 64-81, abril 2004.

FACCI, M. G. D. *Valorização ou esvaziamento do trabalho do professor?* Um estudo crítico comparativo da teoria do professor reflexivo, do construtivismo e da psicologia vigotskiana. Campinas: Autores Associados, 2004.

MARTINS, L. M. *Pedagogia histórico-crítica e psicologia histórico-cultural*. In: A. C. G. MARSIGLIA (Org.), Pedagogia histórico-crítica: 30 anos. Campinas: Autores Associados, 2011, p. 45-57.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2007.